

O ATO DE COMPREENDER NA CONSULTA MEDIÚNICA: UM DIÁLOGO ENSAÍSTICO ENTRE GUIA, MÉDIUM E CONSULENTE NO TERREIRO DE UMBANDA

Rodrigo Volponi

Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero
Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelas
Faculdades Integradas Rio Branco

E-mail: rodrigo@vpublic.com.br

Roberto Chiachiri

Doutor e Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontificia
Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da
Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e titular da Cátedra
Unesco/Metodista de Comunicação

E-mail: archiachiri@gmail.com

RESUMEN

Inspiraciones recogidas de los estudios de las narrativas y del ensayo, del pensamiento de la complejidad y de las ideas de inter-, trans- e indisciplina forman una base teórica y vivencial para este texto. Todavía con mayor fuerza, los autores buscan en su ensayo sobre Umbanda en el Brasil el apoyo de los estudios sobre la comprensión como método, para los cuales el mundo de los símbolos y de lo imaginario participa, con igual dignidad y valor, de las tentativas humanas de lectura y comprensión del mundo. Metodológicamente, los autores se dejan conducir en su texto por las libertades que el género del ensayo permite y provoca, uniendo reflexión teórica y experiencia para traer el tema de la Umbanda para la conversación. Así, el texto-ensayo se armoniza con el texto-vida en la producción de un diálogo posible, fundado en el respeto y la admiración.

Palabras clave: Comunicación, comprensión, método de la comprensión, Umbanda.

RESUMO

Inspirações recolhidas dos estudos das narrativas e do ensaio, do pensamento da complexidade e das ideias de inter-, trans- e indisciplinaridade formam uma base teórica e vivencial para este texto. Ainda com maior força, os autores buscam em seu ensaio

sobre a Umbanda no Brasil o apoio dos estudos sobre a compreensão como método, para os quais o mundo dos símbolos e do imaginário participa, com igual dignidade e valor, das tentativas humanas de leitura e compreensão do mundo. Metodologicamente, os autores se deixam conduzir em seu texto pelas liberdades que o gênero do ensaio permite e provoca, unindo reflexão teórica e experiência para trazer o tema da Umbanda para a conversa. Assim, o texto-ensaio se harmoniza com o texto-vida na produção de um diálogo possível, fundado no respeito e na admiração.

Palavras chave: Comunicação, compreensão, método da compreensão, Umbanda.

ABSTRACT

This text has its theoretical and experiential grounds in inspirations gathered from studies on narrative and essay, on the complexity thinking and the notions of inter-, trans- and interdisciplinarity. With higher strength the authors find support in the studies of comprehension as a method, to which the world of symbols and imaginary is as valuable and worthy as science as a human attempt to read and understand the world, in order to prepare this essay on Umbanda in Brazil. Speaking of method, the authors let themselves to go with the flow of the liberties permitted and provoked by the essay form, thus uniting theory and experience. Thus, the essay-text harmonizes with the life-text in the production of a possible dialogue, funded in mutual respect and admiration.

Keywords: Communication, comprehension, comprehension as a method, Umbanda.

O ATO DE COMPREENDER NA CONSULTA MEDIÚNICA: UM DIÁLOGO ENSAÍSTICO ENTRE GUIA, MÉDIUM E CONSULENTE NO TERREIRO DE UMBANDA

O propósito deste texto é ilustrar a importância do ensaio como forma de construção de conhecimento e de cura, por meio do diálogo entre guia,¹ médium² e consulente em uma gira³ de um terreiro de Umbanda. Entende-se por gira uma reunião ou agrupamento de diversos espíritos, de uma determinada categoria, como caboclos⁴ ou pretos-velhos⁵ que se apresentam para auxiliar pessoas com os mais diversos tipos de enfermidades – espirituais ou materiais – por meio da incorporação nos médiuns.

Para este estudo, além da vivência pessoal dos autores, foram feitas entrevistas com o público que frequenta centros de Umbanda para captar vozes e significados e poder proporcionar, assim, um entendimento mais amplo sobre o processo de construção de conhecimento por meio da experiência religiosa e humana. Médiuns, consulentes, cambones⁶, ogans e pais de santo mostram como esse tipo de diálogo, sempre rico em metáforas e empatia, traz à luz da compreensão outros caminhos para auxiliar o ser humano a enfrentar algumas questões frente às quais a ciência clássica, sozinha, não consegue, por vezes, traçar um curso de ação ou reflexão adequado..

O gênero de expressão conhecido como ensaio – que é praticado pelo guia, médium e consulente em forma de diálogo – consegue tecer sentidos nos mais diversos campos do saber, em função de se deixar guiar pelo espírito de liberdade no formato e método de expressão do conhecimento.

Para nos auxiliar na jornada, incorporamos neste terreiro contribuições de autores como Dimas Künsch e os seus estudos sobre o pensamento compreensivo, Michel de Montaigne e a legitimidade da experiência, Edgar Morin e a reforma do pensamento e Walter Benjamin com a sua visão sobre a narrativa, expressa em um de seus mais conhecidos ensaios, “O narrador” (Benjamin, 1994). Todo esse rico conjunto de contribuições forma aquilo que poderia ser chamado a base teórica ou também a moldura para a história que aqui estamos contando em forma de ensaio.

¹ Seres de luz que protegem, guiam, orientam e zelam por uma evolução espiritual.

² Pessoa sensitiva capaz de ouvir, ver e se comunicar com ou incorporar espíritos.

³ Seção de trabalhos em um terreiro de Umbanda.

⁴ Espíritos de luz de índios e xamãs que já desencarnaram e trabalham na Umbanda.

⁵ Pessoa que serve de mediadora entre o espírito incorporado e o consulente.

⁶ Assistente que auxilia o médium e o guia durante uma gira. Serve também como o intérprete entre o guia e o consulente.

Ao dialogar com essas vozes, estamos tratando de uma gira de espíritos encarnados e desencarnados que praticam, em seus diversos planos, o ato de compreender por meio da empatia, da abertura, da assimetria e do pensamento profundo e interligado. Na esteira dos estudos do grupo de pesquisa “Da compreensão como método”, este trabalho se deixa conduzir por uma perspectiva dialógica e compreensiva. Para o pensamento compreensivo, a Umbanda, com todos os símbolos que veicula, participa do grande esforço humano por compreender o mundo e a vida. O fenômeno religioso e todo o imaginário que ele evoca aparece para nós, nesse esforço compreensivo, como uma forma de conhecimento, fundada exatamente nas linguagens dos símbolos. É como tal – e não primeiramente como religião, pura e simplesmente, que o tema é estudado neste ensaio.

Umbanda

Entendemos a Umbanda como uma religião altamente compreensiva em sua doutrina e em suas práticas. Tanto no terreiro quanto fora dele, essa religião espiritualista busca compreender e fazer compreender a vida terrena como uma curta passagem a serviço da caridade, da humildade e da fraternidade. Curta passagem na terra, porém ensinando que a vida é eterna.

Essa passagem pelo plano material é dedicada ao crescimento, conscientização e aperfeiçoamento do espírito. Isso faz da Umbanda uma religião aberta e acessível àqueles que procuram conforto, conselhos e curas. Por isso as portas de um terreiro estarão sempre abertas a qualquer pessoa que dele queira se aproximar para receber um abraço. Religião de origem africana, mas tão diversa e compreensiva, a Umbanda vai buscar em outras correntes religiosas, como o catolicismo, espiritismo, hinduísmo, budismo, os saberes que possam ser compartilhados e propagados para a promoção do bem comum.

Ainda incompreendida, a Umbanda muitas vezes, mesmo no século XXI, torna-se alvo da intolerância e da ignorância de muitos que a têm como uma ritualística do mal. Não raro ouvimos falar da Umbanda como prática demoníaca para fazer “trabalhos”, por exemplo, relacionados à amarração de amores ou à destruição de algum desafeto.

Ora, a Umbanda não é isso. Seus médiuns se colocam como mensageiros das energias emanadas pelos espíritos guardiões e protetores e daqueles que vêm trazer luz e cura espiritual e material para os mais necessitados. Com suas falanges de caboclos, pretos velhos, crianças, baianos, boiadeiros, marinheiros, todos a serviço dos orixás,⁷ essa religião procura em suas giras cumprir o seu

⁷ Pode-se dizer que Orixás, na Umbanda, são elementos da natureza, representam as forças da natureza.

papel compreensivo. absorvendo elementos negativos e transformando-os em luz. O dia de gira é sagrado. Vejamos como isso acontece em um determinado terreiro.

Dia de gira | Preparação

Os olhos se abrem. Terça-feira, 7 horas da manhã. Nosso personagem se levanta e caminha até a cozinha. Em uma panela de ferro, um banho preparado com diversas qualidades de ervas e já de molho há algumas horas, é agora aquecido. Jasmim, anis estrelado e alfazema exalam um suave buquê de aromas no ar. Uma vela verde ao lado imanta a ação. De joelhos, no chão frio da cozinha em frente ao caldeirão, seus pensamentos se misturam com o aroma da composição.

Por meio de um diálogo mental, ele ora e pede. Pede permissão a Deus e aos seus orixás. Pede um auxílio especial ao Orixá guardião das matas e detentor do conhecimento das ervas, para que as acorde e ative suas funções específicas: limpeza, transmutação, equilíbrio, energização e proteção. Ao final, ele O saúda.

– *Okê Oxóssis! Okê caboclo!*⁸

Pede ajuda para a sustentação energética nos trabalhos espirituais que vão acontecer à noite. Pede para que seus pensamentos se mantenham elevados naquele dia. Pede para que seu guia de trabalho o oriente para escolher quais elementos levar. Pede.

Após as orações, o banho é coado e passado para uma bacia de ágata onde ficará em repouso coberto com um pano branco até chegar a uma temperatura adequada. Depois de resfriar, ele derrama o banho por todo o corpo, coroa,⁹ frente e costas, enquanto mentalmente agradece as energias que recebe. Agradece por seu corpo, seus chacras¹⁰ e seu perispírito¹¹ serem cuidados a partir daquele momento. Nas horas seguintes, as ervas irão auxiliar no alinhamento vibratório com as entidades que irão trabalhar à noite. Agradece pelas intuições recebidas. Agradece pela confiança renovada. Agradece.

Sua roupa de trabalho espiritual é então separada: camiseta, calça, sapatos e filá¹² brancos são colocados sobre a cama. A única cor que integra a composição é a da

⁸ Salve aquele que grita, que brada!

⁹ A cabeça do médium.

¹⁰ Centros energéticos do corpo humano que distribuem a energia (*prana*) através de canais (*nadis*) que nutrem órgãos e sistemas.

¹¹ Invólucro fluídico que liga o espírito ao corpo.

¹² Tem a finalidade de proteção do Chakra Coronário, da Coroa do Médium.

fita de tecido de cetim, que é verde. Ao lado são colocadas suas guias de proteção, também verdes; alguns cristais escolhidos intuitivamente e um tacape¹³ de pedra e bambu completam o traje daquela noite. Charutos, ervas frescas e pedras com propriedades curativas são enrolados em panos e colocadas em uma bolsa. É dia de gira. É noite da gira de Caboclos.

– *Okê caboclo!*

Agora, já vestido no branco, ele caminha em direção à sua tronqueira,¹⁴ que fica no lado de fora da casa – uma estante com diversas imagens e elementos imantados, que representam suas forças da Esquerda, cuidadosa e energeticamente dispostos. Ao lado de cada imagem, um copo, um porta-velas, tridentes e outros elementos proibidos pela lei do silêncio de serem de terem seus nomes pronunciados, que representam o mistério da Esquerda, compõem o cenário dessas forças. Após pedir licença e bater paó,¹⁵ ele se ajoelha e oferece velas vermelhas e pretas, charuto, whisky e champanhe para seu triângulo da Esquerda. Exu, Pomba-Gira e Exu Mirim estão presentes. Ele pede vitalidade, compreensão, força e proteção para os trabalhos da noite. Com as costas das mãos viradas uma para a outra, bate três vezes, saudando cada linha de protetores. Em todos os trabalhos, Exu é sempre o primeiro a receber a oferta.

– *Laroyê¹⁶ Exu, Exu é mojubá!¹⁷*

– *Laroyê Pomba-Gira, Pomba-Gira é mojubá!*

– *Laroyê Exu-Mirim, Exu-Mirim é mojubá!*

No mesmo instante, a temperatura do corpo aumenta, uma gota de suor lhe escorre pela testa e ele sente uma energia o envolvendo. Bate paó, sai respeitosamente andando de costas e novamente agradece. Seu triângulo de forças da Esquerda está ativo.

Depois ele se direciona para seu altar. Já em frente às suas imagens de orixás e guias, após bater cabeça,¹⁸ novamente de joelhos, ele pede. Pede a Deus permissão e força para a execução dos trabalhos da noite. Saúda todos os guias e orixás, e então inicia o processo de firmeza do seu triângulo de forças da Direita. Ele

¹³ Arma indígena.

¹⁴ Ponto de força da Esquerda. Casa de exus, pomba-giras e exus-mirins.

¹⁵ Saudação aos orixás.

¹⁶ Eu te saúdo!

¹⁷ Meus respeitos!

¹⁸ Saudar o altar.

acende cada uma das velas e as consagra aos seus respectivos orixás. Depois, as coloca dispostas em formato de triângulo. Na parte de cima do triângulo, o Orixá Ancestral,¹⁹ do lado esquerdo, o Orixá de Juntó,²⁰ e do direito, o Orixá de Frente.²¹ Lá estão eles representados pelas cores verde, azul claro e azul escuro. Oxóssi, Iemanjá e Ogum. Ele pede. Pede que a sua intuição seja intensificada. Que sua mente e seu corpo estejam em sintonia com o plano espiritual. Que ele tenha forças para ajudar as pessoas que se apresentarem diante dele. Que a Lei Maior e a Justiça Divina conduzam os trabalhos. As três velas, após fixadas em um prato branco, são colocadas no altar. Seu triângulo de forças da Direita agora está ativo.

Uma religião compreensiva

Desde o seu surgimento, no começo do século XX, a Umbanda deixava clara a sua abrangência e linha de atuação. Em 15 de novembro de 1908, no bairro de São Gonçalo, Niterói, estado do Rio de Janeiro, Zélio Fernandino de Moraes, com 17 anos à época, sofrendo do que foi denominado “ataques espirituais”, foi levado a uma seção na Federação Kardecista da cidade.

Convidado a se juntar à mesa de trabalhos com outros médiuns, logo após ter se acomodado, levantou-se e disse que faltava uma flor naquele lugar. Contrariando a norma de não se levantar da mesa durante a sessão, foi até o jardim, apanhou uma rosa branca e a colocou no centro da mesa. Em seguida, incorpora o espírito de um índio, e simultaneamente diversos médiuns presentes começaram a ter incorporações involuntárias de espíritos de pretos-velhos e caboclos.

O dirigente do local advertiu os espíritos e pediu que eles se retirassem, porque no seu modo de pensar eles eram de baixa evolução espiritual devido à sua linguagem simplória e rudimentar.

Nesse momento, uma força toma conta de Pai Zélio, que se pronuncia:

– Por que repelem a presença desses espíritos, se nem se dignaram a ouvir as suas mensagens? Será que é por causa da sua origem social e da sua cor?

Ao ser indagado por um dos médiuns sobre quem ele era, sua resposta não poderia ser mais subversiva:

¹⁹ É aquele que magnetizou o ser assim que ele foi gerado por Deus e o distinguiu com sua qualidade original e natureza íntima.

²⁰ É aquele que forma par com o Orixá de Frente, apassivando ou estimulando o ser, sempre visando seu equilíbrio íntimo e crescimento interno permanente.

²¹ É aquele que rege a atual encarnação do ser e o conduz numa direção da qual o ser absorverá sua qualidade e a incorporará às suas faculdades, abrindo-lhe assim novos campos de atuação e crescimento interno.

– Se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho²² para dar início a um culto em que estes pretos e índios poderão dar sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim.

No dia seguinte, 16 de novembro de 1908, na rua Floriano Peixoto, número 30, ainda em São Gonçalo, às 8 horas da noite, diversas pessoas presenciaram, na residência da família de Pai Zélio, a incorporação do Caboclo Sete Encruzilhadas e, posteriormente, de um preto-velho chamado Pai Antônio, que atenderam e curaram pessoas ali presentes com problemas de saúde e espirituais. Por meio das palavras do Caboclo Sete Encruzilhadas, os presentes ficaram sabendo sobre a filosofia que iria reger os trabalhos:

– Aqui se inicia um novo culto em que os espíritos de pretos velhos africanos... e os índios nativos da nossa terra poderão trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que seja a cor, raça, credo ou posição social. A prática da caridade no sentido do amor fraterno será a característica principal deste culto, que tem base no Evangelho de Jesus e como mestre o supremo Cristo.

Naquele dia nascia uma religião de tipo compreensivo, que buscava integrar ensinamentos, pessoas, espíritos e energias. Uma religião que não discrimina cor, classe social ou gênero. Um culto em que as entidades que compõem as correntes espirituais são oriundas de diversas religiões, épocas, etnias e culturas, também de diversas partes do mundo. Uma estrutura de guias composta por espíritos de crianças, adultos e velhos. Falanges de índios, ciganos, baianos, boiadeiros, marinheiros e malandros.

Uma relação direta com as fases da vida das pessoas e de suas necessidades mundanas, representada por arquétipos²³ que fazem analogia à alegria de viver dos pequenos, à sabedoria e simplicidade dos anciãos, à força do homem adulto, ao espírito aventureiro e alegre do viajante, à persistência e à coragem do homem do sertão, ao equilíbrio de quem navega em diversos mares e ao jogo de cintura de quem aprende a sobreviver nos centros urbanos.

Dia de gira | Conexão

²² O corpo do médium.

²³ Sobre o simbolismo ligado aos arquétipos do inconsciente coletivo, ver, de Carl Gustav Jung, *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (Jung, 2001). Luiz Paulo Grinberg, em *Jung: o homem criativo*, traz um capítulo sobre o tema (Grinberg, 1997).

Ele chega ao terreiro por volta das 7 da noite. Ainda na porta, agacha e faz uma cruz simbólica com as mãos no chão, por três vezes. Ao entrar, ele vê dezenas de pessoas aguardando em silêncio o início dos trabalhos. Pessoas que chegaram muitas vezes há mais de duas horas para ser atendidas. Crianças, adolescentes, adultos e idosos chegam em busca de ajuda; algumas estão indo agradecer, mas a maior parte está lá para pedir. Carregam em seu íntimo a esperança de que naquele local sagrado encontrarão uma solução ou até mesmo um simples alento onde a ciência, a técnica e até mesmo às vezes outras religiões não obtiveram êxito. Para alguns, a Umbanda é apenas isso: um pronto-socorro espiritual que atua onde outros falharam. Mas ela vai muito além.

Ao entrar, ele saúda o Exu Guardião da casa. Vai até o altar e cumprimenta os orixás e guias do templo. Em seguida, se aproxima dos atabaques²⁴ e saúda as energias que regem esses instrumentos. Encontra o pai de santo, beija sua mão e pede a sua benção. Cumprimenta os irmãos de fé e dirige-se ao local de trabalho. Os outros trabalhadores vão chegando, se cumprimentando e se posicionando lado a lado.

Ao toque do sino, feito pelo sacerdote da casa, todos fecham os olhos e se concentram. Uma música de fundo saúda Ogum, orixá que rege o local, e ajuda a todos a elevarem os pensamentos e a se conectarem com suas forças espirituais. Na sequência, o pai chama o ponto²⁵ para Exu, abrindo a gira. Todos de pé se viram para o lado, na direção da entrada da rua. As pessoas, com as mãos entrelaçadas, fazem movimentos circulares no sentido anti-horário e, acompanhadas pelo cântico, criam uma corrente energética, pedindo proteção para os trabalhos que vão começar. Os guardiões estão a postos.

O sino é tocado novamente. Todos se viram em direção ao altar para saudar os orixás. Com a mão direita no peito, em sinal de respeito, cantam os fundamentos da Umbanda, o seu hino.

Já de joelhos como os outros irmãos, ele presta reverência ao pai da casa. A letra do ponto tem a ver com o pedido de que as forças que o regem mantenham a sustentação energética necessária para ele cuidar de todos os filhos da Casa²⁶ durante a gira. Todos de joelhos, pedem. Em nome do pai, pedem. Em seguida o pai da casa passa abençoando os quatro cantos do terreiro e cada integrante que compõe a egrégora²⁷ espiritual do lugar.

²⁴ Instrumentos de percussão utilizados em giras no terreiro.

²⁵ Letra da música tocada durante uma gira.

²⁶ Médiuns que trabalham em determinada casa.

²⁷ Força espiritual criada a partir da soma de energias coletivas fruto da congregação de duas ou mais pessoas.

Os pontos dos orixás mais cultuados no templo são tocados: o das mães Nanã, Iemanjá, Oxum e Iansã e o dos pais Ogum, Xangô, Oxóssi e Obaluayê, enquanto os atabaques, de forma energética e rítmica, são conduzidos pelos ogans. Os filhos da Casa cantam, batem palmas e elevam o pensamento, conectando-se com o divino.

Logo em seguida é feita a defumação do ambiente. Enquanto os médiuns da corrente interna cantam, um responsável carrega uma lata grande de ferro com carvão em brasa incandescente. Dentro é colocada uma mistura de ervas – alecrim, benjoim e alfazema – para ser queimada. Todo o terreiro é defumado, começando pelo altar, passando pelos atabaques, entradas e saídas, a assistência e os médiuns até a porta da rua. Com o ambiente e as pessoas defumadas e com a energia já mais equilibrada, é tocado o ponto para chamar os caboclos em terra. É chegada a grande hora. É o momento de rever amigos e mestres. É o momento da conexão com o sagrado.

Nesse instante, ele fecha os olhos e abre a mente. Com a cabeça curvada, mãos na altura da cintura, palmas das mãos levantadas e a cabeça apontada para baixo, ele aguarda. Mentalmente, busca a imagem do seu guia, um índio alto com um cocar de penas de cores vermelha, verde e amarela que vão até a altura da cintura. Pele escura, corpo robusto, sem camisa e com uma calça de couro de animal. Descalço, os pés mostram firmeza, como a mão que segura um tacape de bambu, pedra e cipó. O brado dele ecoa em sua mente.

– *Riê riê riê. Arô etmasuê!*

Mesmo sem entender o significado das palavras, ele sente o que tudo aquilo significa. Seu guia está pronto para o trabalho.

Dia de gira | Incorporação

Ao incorporar o espírito do seu guia, progressivamente, uma terceira personalidade é criada. A soma da experiência dessa encarnação com as das que o guia vivenciou são unificadas. Plano material e plano espiritual estão juntos. Sua fisionomia muda. Seu tom de voz muda. Sua postura muda. Sua faixa vibracional muda. Seus pensamentos mudam. Mudam não, transformam-se.

Uma paz imensa o invade e, junto, a segurança de que tudo será resolvido. Todos serão atendidos. De acordo com a Lei Maior e com a Justiça Divina, todos serão auxiliados, inclusive ele mesmo. Duas energias que se unem por meio da Lei da Atração, por meio da Lei do Carma, por meio da religião, por meio de suas crenças, por meio do sagrado.

Novamente, ele abre os olhos, mas não é mais singular. A terceira pessoa do plural é a nova realidade. Uma simbiose ocorre. Dois espíritos, um corpo, diversas

sensações e experiências. Uma nova lição será dada, cabe a ele aprender. Para ele, além da parte da caridade, cada gira é uma aula de humanidade, compreensão, paciência, humildade e amor. Aprende quem quer aprender. O que não falta são exemplos e sinais.

Já incorporado, o Caboclo Arranca-Toco, em um português rústico misturado com a língua tupi guarani, cumprimenta uma mulher de seus trinta e poucos anos que está posicionada bem ao seu lado. Solicita a ela seus instrumentos de trabalho. A cambone o atende prontamente.

A fita de cetim verde agora é colocada em sua cabeça. Charuto e tacape são entregues de forma respeitosa. Logo em seguida, um abraço fraterno é trocado entre os três. Palavras de otimismo, carinho e respeito são dadas à sua irmã espiritual. Após preparar seu espaço mágico e estar devidamente elevado o seu campo energético e de seu médium, a entidade espiritual autoriza o começo dos atendimentos. Chegou a hora de cumprir sua missão. Chegou a hora de trabalhar.

“É hora, é hora, caboclo; é hora de trabalhar.”

Perguntaram-no o que ele sente nesse momento. Ele se lembra do que disse certa vez uma amiga de um terreiro, citando o trecho de um livro já esquecido em sua memória, mas que segundo ele traduz bem essa sensação: “A incorporação é como se você estivesse dirigindo um carro, e no banco do passageiro estivesse lá o seu guia. No momento da incorporação, o guia assume o volante e você vai para o banco do passageiro”.

Você continua no carro, pode colocar uma música, pode abrir o vidro e até mexer na direção, mas você confia tanto no novo motorista que só aprecia a viagem e auxilia no que puder durante o percurso. Você é responsável pela manutenção desse carro. Por isso, todo o preparo descrito anteriormente é essencial para melhorar a qualidade dessa jornada. Umbanda é preparação. Umbanda tem fundamento.

Dia de gira | Consulta e compreensão

A primeira consulente se coloca em sua frente. Uma mulher morena, de seus 40 anos, com aproximadamente 1,5 metro de altura, olhos negros, cabelos curtos. Descalça em respeito ao piso sagrado, ela o cumprimenta dando-lhe um abraço fraterno. Aqui começa o diálogo ensaístico. Aqui começa o trabalho de compreensão e cura. “Compreender é alguma coisa mais do que entender: significa abraçar, no sentido físico e também no espiritual” (Paz, 1998, p. 672).

Em pé, de frente para a consulente, eles seguram as duas mãos dela. Eles se conectam a ela, aos seus guias ancestrais e às energias que a cercam. Mentalmente,

eles pedem licença a cada um deles para interagir em seu campo de forças. Pedem a Deus e aos orixás que lhes permitam ajudá-la de acordo com o seu merecimento. Que eles possam limpá-la, retirando todo tipo de energia que a esteja influenciando negativamente. Pedem que eles a possam reconduzir ao caminho da luz, do amor e da verdade.

Nesse momento, eles visualizam formas de vida, rostos e situações do passado, problemas de saúde emocional e espiritual que a estão afetando. Com a permissão das forças dela, um primeiro diagnóstico entre guia e médium é feito.

Agora, de olhos já abertos, eles se dirigem a ela e a cumprimentam:

– Salve suas forças! Eu vou dar um passe²⁸ na filha para lhe fazer uma boa limpeza e depois a gente conversa, tá bem?

Ela acena com a cabeça, e eles continuam:

– Feche seus olhos e pensa só em coisas boas. Eleve seus pensamentos e mentalize uma luz branca bem em cima da sua coroa. Fique tranquila que você está em uma casa de luz e de amor. Nós vamos lhe ajudar.

Com o charuto já aceso, ele dá três baforadas em cima da cabeça da consulente. Estala os dedos e desenha no ar sinais de cruces ao redor do corpo dela, passando por todos os chacras. Com movimentos feitos com a mão, como se estivesse raspando algo sem tocar o corpo, ele vai limpando o espaço energético dela. Após fazer isso na parte da frente e na parte de trás, da cabeça aos pés, eles começam a projetar, com as mãos abertas, energias para cada um dos sete principais chacras. Uma vez descarregado e alinhado seu campo energético, eles começam um diálogo, mas um diálogo de tipo compreensivo.

Eles querem saber o nome dela, sua idade, sua profissão. Se é casada, se tem filhos. Se está bem de saúde emocional e espiritual. Eles querem saber o que a traz àquele lugar. Querem ouvir sobre sua trajetória, seus medos e receios. Fazem com que ela relembre e reflita sobre os acontecimentos mais marcantes nos últimos sete anos.

Eles a ajudam a ressignificar o seu momento atual. Mostram que ela não está só e que, para ajudar a sua família, é preciso que ela, primeiramente, fique bem consigo mesma. Eles aguçam seus sentidos e a fazem voltar a acreditar em suas virtudes e forças. Evidenciam suas conquistas, mas pedem atenção sobre os aprendizados que apenas a derrota traz. Ajudam a traçar um caminho para alcançar seus objetivos. Falam de amor para consigo mesmo, de propósito, de atitude, de reforma íntima, sem julgamentos.

²⁸ Momento de troca de energias entre o consulente e o médium. Momento de descarrego das energias negativas que circundam o consulente.

Eles querem que ela cresça, mas que seu crescimento dessa vez seja pelo caminho do amor e não mais da dor. Querem despertar seus sonhos e ajudá-la a cumprir sua missão neste plano, nesta vida. Ensinam a resgatar sua criança interior, aquela deixada para trás por causa das adversidades da vida. Querem que ela reencontre sua essência. Querem despertar seus sonhos. Querem ajudá-la a transformar sua atual realidade. Dão esperança, amor e energia; a única coisa que lhe é pedida é um pouco mais de fé.

Eles se abraçam. Ela se emociona por ter sido tocada tão profundamente na alma. Com o olhar agora amoroso e o rosto sereno, ela agradece e se despede. Agradece por aqueles dez minutos compartilhados de amor verdadeiro, de companheirismo, de empatia. Dez minutos em que alguém se dispôs a ouvir. Dez minutos de atenção plena.

Todos possuem uma história incrível a ser compartilhada, todos querem contar, poucos estão dispostos a ouvir. Ouvir com atenção. Atenção verdadeira. O que a maioria das pessoas geralmente precisa. Dez minutos de atenção.

A consulta mediúnica revela características que apontam para um método de tipo compreensivo, quando observamos suas ferramentas, técnicas e locais de trabalho. Cristais, velas, ervas, incensos, óleos, frutas e outros elementos são utilizados. Passes energéticos, orações, benzimentos, acupuntura, cromoterapia, incensos, mandalas, banhos de ervas, garrafadas e cânticos compõem uma pequena parte do repertório de que os guias se utilizam durante os trabalhos. As giras podem acontecer em templos dos mais diversos tamanhos, no pequeno cômodo de uma casa, no meio da mata, em uma cachoeira ou à beira-mar.

Nesse tipo de consulta, não existe um padrão de atendimento único, pois os guias compreendem as particularidades das experiências de cada um dos indivíduos e a respectiva egrégora que os sustenta. O atendimento é individual, porque dentro de cada ser existe um universo próprio. Para cada dor um remédio específico, de acordo com a realidade e a experiência vivida de cada um.

Como Montaigne expressa em seu ensaio “Sobre a experiência” (2010),²⁹ quem mais do que nós mesmos poderia saber aquilo que nos faz bem ou mal? Que médico pode conhecer melhor seu paciente do que o próprio paciente? Cada pessoa, uma história. Cada história, uma infinidade de roteiros, de possibilidades, de caminhos. De encruzilhadas.

²⁹ Um dos mais famosos ensaios de Montaigne, o pai do ensaio moderno, “Sobre a experiência” trata do lugar do humano na vida de cada um de nós. Nele, no fundo, Montaigne fala de si mesmo: “Estudo a mim mesmo mais que a outro assunto. É a minha metafísica, é a minha física”, ele escreve (Montaigne, 2010, p. 520). Aqui, a sabedoria já não vem do alto, não é ditada pela razão. Em pleno século XVI, Montaigne (1533-1592) ressalta o valor da experiência humana, da observação, dos ensinamentos acumulados ano após ano.

Evangélicos, católicos, kardecistas, budistas, judeus, ateus e outros que cultivam boas intenções em relação a si mesmos e para com o próximo são bem-vindos. Nesse tipo de consulta procura-se sempre incluir, somar e agregar.

Essas características aproximam a Umbanda de um pensamento de tipo complexo (Edgar Morin). Complexo porque, em seu conceito, a consulta mediúmica é também profunda e interligada e busca a aproximação à realidade humana. É também transdisciplinar e articulada entre os diversos campos do saber, sem tentar se apropriar da verdade. Aberta ao novo e ao diferente, pratica um ato que une. “É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une”, diz Morin (2005, p. 85).

O ato de compreender é percebido em todo o processo da consulta mediúmica. Mais do que querer explicar, o guia e o médium procuram, por meio do diálogo ensaístico, compreender. Esforçam-se para se colocar no lugar do outro, para ver e enxergar sua perspectiva sobre determinado assunto e, assim, compreender as suas ações. Lembra Künsch (2010, p. 13) que “compreender, de *comprehendere*, evoca originalmente a ideia de abranger, abraçar junto”. O gesto pede, por isso, generosidade, boa vontade e disposição, sem julgamentos.

A narrativa emerge como uma potente ferramenta, que ajuda no momento de reflexão do consulente. Falar sobre o problema é começar a lidar com ele. A verbalização e a ressignificação de sentimentos auxiliam na cura de grande parte de doenças de origem emocional. E também das outras doenças, mesmo as de natureza física, porque o conceito de cura, no mundo simbólico, é amplo e une o físico e o espiritual numa realidade só, compreensiva, complexa. Faz com que, nos casos mais bem-sucedidos, a pessoa consiga enxergar como se colocou no estado em que se encontra, e, dessa forma, permite a ela ver novos caminhos a serem percorridos e também evitados. Tudo isso por meio da sua experiência, do seu entendimento, da sua compreensão.

O guia e o médium não fazem as escolhas pela consulente, mas podem trazer muito mais clareza e compreensão para a situação atual. De uma forma simples e muitas vezes lúdica, orientam por meio da narrativa para as coisas práticas da vida, por meio de um ensinamento, um conselho ou um exemplo de alguma experiência já vivida.

Nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica. Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência... (Benjamin, 1994, p. 8).

São raras as vezes que podemos ser autênticos e verdadeiros sem medo do que os outros pensarão de nós, que podemos expor nossos erros do passado, medos e fraquezas e pedir um conselho, uma direção ou alguma ajuda, sem que

alguém utilize isso em algum momento contra nós. Nos dias atuais, ser ouvido e compreendido pelo outro é uma verdadeira benção.

Dia de gira | Encerramento

O sino toca novamente. É a indicação dada pelo pai de santo da casa para o encerramento dos trabalhos dessa noite. O Caboclo Arranca-Toco começa a limpar e energizar sua cambone e lhe agradece por toda a ajuda prestada. Em seguida, ele passa a descarregar energeticamente o seu médium e harmoniza todos os seus chacras.

Ele caminha até o altar e saúda o pai de santo e os orixás, agradecendo a oportunidade de poder fazer seu trabalho de caridade. Passa pela tronqueira e saúda Exu e Pomba-Gira, agradecendo-lhes pela proteção durante as consultas.

Por fim, ele vai até os atabaques, cumprimenta os ogans e as energias que sustentaram a corrente mediúnica por meio dos pontos cantados naquela noite. De olhos fechados, eles começam a dançar e a girar em volta de um eixo imaginário, como se fosse um vórtice de força, cada vez mais rápido, e mais rápido e mais rápido. Em sua mente, como se estivesse passando um filme em câmera lenta, ele novamente vê e consegue enxergar a imagem do seu guia. Eles se cumprimentam pelo trabalho realizado em conjunto e se despedem.

Foram duas horas de atendimento. Mais de cem pessoas passaram pelo terreiro. Todos atendidos por uma corrente espiritual composta por diversos tipos de gente e de espíritos, pais de santo, médiuns, cambones, ogans e caboclos, de diversas idades, partes do mundo, cidades, bairros, épocas, tribos e etnias. Toda essa diversidade, trabalhando em função da unidade. Do indivíduo. Em uma única banda. Umbanda.

Os olhos se abrem.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. 1994. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. En: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221.

GRINBERG, Luiz Paulo. 1997. Arquétipos e inconsciente coletivo. In: *Jung: o homem criativo*. São Paulo: FTD, p. 133-170.

JUNG, Carl. 2001. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes.

KÜNSCH, Dimas; Martino, Luís Mauro Sá (orgs.). 2010. *Comunicação, jornalismo e compreensão*. São Paulo: Plêiade, p. 13-47.

MONTAIGNE, Michel de. 2010. *Os ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras.

MORIN, Edgar. 2005. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. São Paulo: Bertrand Brasil.

MORIN, Edgar. 1994. *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Geisa.

PAZ, Octavio. 1998. *Soror Juana Ines de La Cruz: as armadilhas da fé*. São Paulo: Mandarim.

SARACENI, Rubens. 2012. *Fundamentos Doutrinários de Umbanda*. São Paulo: Madras.

Agradecimentos

Este ensaio só foi possível escrever graças à vivência de anos no Terreiro Ogum Beira Mar do meu querido amigo Pai Roberto. Meus sinceros agradecimentos pelos ensinamentos, amor, carinho e ajuda em todos os momentos da minha trajetória mediúnica, muito obrigado mesmo! Deixo também um axé e um abraço especial aos meus amigos Fábio Cabral, Adriana Lombardi e Nathalie Rezende, que dividiram suas experiências trazendo muito conteúdo e inspiração para esse texto. E ao meu orientador e querido amigo Prof. Dimas Künsch, pelo cuidado em me manter no grupo de pesquisa “Da compreensão como método”, que é tão bacana, com um propósito tão bonito (**Rodrigo Volponi**).

Os ensinamentos com que a Umbanda presenteia a seus filhos nos levam cada dia a pensar de maneira mais profunda as relações entre os seres. A compreensão pregada pela Umbanda se estende a cada elemento, vivo ou não, que compõe o universo em que habitamos. O complexo e diversificado mundo que vivemos tece uma teia de signos cujo entendimento nos leva a constantes tentativas em traduzi-los. Essa tradução vai se dando na medida em que podemos compreender o fluxo das energias ali empregadas. A Umbanda é uma das mais compreensivas religiões, pois nela a teia é tão flexível que permite derrubar as barreiras do preconceito, das discriminações, da fé. A Umbanda na qual acreditamos prega a solidariedade, a caridade e, sobretudo, a humildade. Os meus agradecimentos vão aos irmãos e filhos da Umbanda, à minha tão querida Mãe Renata de Obá (nossa Bá), ao grupo de pesquisa “Da compreensão como método” e ao meu caro irmão e parceiro neste ensaio, Rodrigo Volponi. Axé, meu povo!

(Roberto Chiachiri).